



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de posse do ministro-chefe da Secretaria de Relações
Institucionais da Presidência da República, Alexandre Padilha**

Palácio Itamaraty – Brasília-DF, 28 de setembro de 2009

Meu querido companheiro José Alencar, vice-presidente da República,
Senador José Sarney, presidente do Senado Federal,

Quero cumprimentar a ministra Dilma Rousseff, e cumprimentando ela
estarei cumprimentando todos os meus ministros aqui presentes. Estarei,
inclusive, cumprimentando o Padilha, o José Múcio, que está de saída.

Quero cumprimentar os governadores aqui: o Ciro Gomes, do Ceará; a
Wilma, que estava sentada e já levantou, do Rio Grande do Norte; o Anchieta,
de Roraima; os nossos companheiros governadores... Não tenho a nominata
aqui. O Eduardo Braga, do Amazonas; a Ângela... Depois você faz uma
nominata aqui... A companheira Ana Júlia, o companheiro Pezão, o
companheiro Wagner, o companheiro Arruda, o Wellington, o Valdez, o
Marcelo Déda. Quem mais? O Alcides, que chegou agora. Não, não tem mais
governador, são só esses que estão aqui.

Quero cumprimentar os prefeitos... Ah, o Teotônio Vilela, que está ali
atrás. Está ali o novo governador do Tocantins.

Quero cumprimentar os prefeitos,

Os deputados,

Os senadores,

Dizer para vocês que esse esquecimento é do cansaço. E eu nem
descansei e amanhã já embarco outra vez, para ver se a gente consegue
conquistar a Olimpíada de 2016 para a cidade do Rio de Janeiro.

Mas, antes de falar da posse do companheiro Padilha e da saída do



companheiro José Múcio, eu quero dizer para vocês que eu voltei de Pittsburgh agora, na reunião do G-20, convencido de que o mundo político que foi constituído depois da Segunda Guerra Mundial está mudando. A lógica política da segunda metade do século XX está mudando nas primeiras décadas do século XXI.

Na reunião do G-20, embora muita gente tenha descrença, o fato concreto é que é a terceira que nós fazemos e, em cada uma delas, nós conseguimos subir um degrau na participação dos países emergentes e na flexibilização da chamada governança global, com a participação dos BRICs, mas, sobretudo, com a participação de outros países como África do Sul, México, Argentina, que têm dado um colorido especial a essas negociações.

Eu penso que a nossa geração, a geração que tem mandato agora, que termina em 2010, ou a geração que tem cargo no governo, vai se transformar em uma geração vitoriosa do ponto de vista da mudança da economia mundial. É uma coisa que pode demorar um pouco mais, um pouco menos, mas é irreversível, porque todos têm a compreensão de que as coisas não podem continuar do jeito que estavam. E aí não tem mais presidente de direita, de esquerda, de centro, ou seja, todo mundo, quase por unanimidade, está convencido de que é preciso mudar a ordem econômica mundial. E eu acho que isso é uma coisa importante porque os países ricos, que antes tinham todas as verdades, agora estão muito humildes, estão ouvindo mais. Todo mundo, Arthur, todo mundo falou da necessidade de recuperar os empregos, todo mundo falou. Coisa que a palavra emprego nem entrava nas conversas anteriores, porque todo mundo está sabendo que nós não podemos continuar reféns de um sistema financeiro desregulado ou de um mercado que fingia ser Deus, como nós vivemos nas últimas décadas.

Todo mundo está compreendendo que o Estado tem que ter um papel mais importante, um papel mais incisivo, um papel de indutor e um papel de coordenador e regulador das coisas que acontecem, porque a geração anterior



à nossa acreditava que o Estado não valia nada, que o Estado poderia desaparecer, que não era preciso o Estado coisa nenhuma. Teve gente que pensou até que a educação poderia ser privada, que a iniciativa privada faria muito melhor do que o Estado. E hoje as pessoas começaram a compreender que exatamente no momento da turbulência, a única instituição a ter confiabilidade da sociedade foi o Estado. E foi o Estado que tomou iniciativas para que as coisas pudessem ser reguladas. Imaginem se o dinheiro que foi dado para o sistema financeiro, Meirelles, tivesse sido dado para fazer política social nos países pobres do mundo, a gente teria levado todos os pobres à classe média do mundo. É uma coisa engraçada isso porque, muitas vezes, muitos países que não tiveram dinheiro para fazer política social, na hora em que o sistema financeiro entrou em crise eles conseguiram encontrar o dinheiro para salvar o sistema financeiro, coisa que poderiam ter feito política social com os trilhões que foram colocados no mercado. Bem, mas isso está avançando.

Mas eu tive o privilégio de sair da reunião do G-20 e fui para a reunião dos G pobres, eu fui participar em Caracas, da Reunião dos Países da África com os Países da América do Sul. É outro discurso, é outro discurso, totalmente diferenciado, e aí eu pude me dar conta de quanto nós ainda precisamos fazer e quantas décadas nós precisamos ainda vencer para que a gente possa tornar o mundo um pouco mais igual. Inclusive, aproveitar aqui, a presença de muitos deputados e de muitos senadores para dizer para vocês – do Meirelles, do Guido Mantega – para dizer para vocês que nós temos que evoluir um pouco, Paulo Bernardo, dar um passo adiante.

O Brasil ainda se comporta como se não tivesse a grandeza que tem, o Brasil ainda se comporta como se fosse um país receptor. O Brasil quer disputar dinheiro com os países pequenos pobres. O País tem, o Brasil, da importância que tem e com a inserção internacional que tem, o Brasil tem que ser um país doador. Um país como a Índia tem U\$ 5 bilhões de dólares para



ajudar país pobre; um país como a Espanha, tem 6 bilhões de euros para ajudar país pobre. A China tem outro tanto e o Brasil não tem, o Brasil não tem porque, historicamente, nós éramos receptores, nós esperávamos que os outros dessem para nós e nós ainda não percebemos que nós mudamos de patamar. Agora, o Brasil tem que entrar, o Brasil tem que entrar na era dos países que têm que ter disponibilidade financeira para ajudar os países menores do mundo como faz todo o mundo. E essa é uma mudança que implica na compreensão do governo, da sociedade, do Senado e da Câmara dos Deputados, porque eu acho que o mundo vai depender, sobretudo a parte mais pobre, vai depender muito das políticas que o Brasil puder fazer, sobretudo no continente africano. Dito isso, eu vou falar um pouco mais para esperar a roupa secar, porque foi lavar para eu poder viajar amanhã.

Eu queria dizer, dizer para vocês que quando o companheiro Walfrido, que eu estou vendo aqui, o Walfrido certamente corado não é de trabalhar, deve ter ido para a praia, deve ter tirado umas “ferinhas”... O Walfrido falou assim para mim: “Presidente, eu vou... eu sei que o Ministério Público vai me denunciar em uma bobagem que aconteceu em 1998, eu não quero criar caso com o senhor. Eu gostaria de sugerir um nome, um nome que eu considero a pessoa mais talhada para exercer a função que eu exerço aqui. E eu queria indicar o companheiro José Múcio”.

Bem, eu fiquei um pouco desconfiado, falei: Será que o José Múcio vai dar conta do recado? Porque é verdade que a bancada no Senado e na Câmara, a maioria absoluta tem trabalhado e ajudado muito o governo desde os primeiros dias. Você tem uma, outra decepção, mas o conjunto tem trabalhado muito por isso. Mas a direção do PTB, será que vai concordar? Será que o José Múcio vai conseguir trabalhar? Será que o José Múcio não vai ser infernizado aqui por trabalhar no governo e tal? E fiquei cismado, José Múcio, eu quero te confessar que eu fiquei cismado, mas como o Walfrido propõe e não dá tempo de a gente retrucar, ele fica falando até a gente concordar, eu,



então, falei: Bom, se é para ficar aguentando o Walfrido aqui no meu ouvido, eu vou aceitar logo o José Múcio, nós vamos resolver esse problema. E, hoje, eu quero te dizer, companheiro José Múcio, que foi uma grata satisfação, uma grata alegria ter podido trabalhar contigo nesse um ano e dez meses em que você foi ministro do meu governo.

Eu já tinha tido o Wagner, já tinha tido o Aldo Rebelo, já tinha tido o Tarso Genro, já tinha tido o Walfrido, e todos eram companheiros da minha proximidade. Eu falei: como é que vou ter uma organização política, se não faz parte do meu espaço íntimo da política brasileira?

E hoje eu sou agradecido, de coração, pelo teu comportamento, pela tua competência, pelo jeito de se relacionar com os deputados e senadores, que é a parte mais difícil. Porque muita gente acha que deputado é chato, muita gente acha que senador é chato, que só vão lá para pedir as coisas. Mas gente tem saber também o que eles pensam de nós, quando nós vamos lá pedir alguma coisa, também, para votar, ou seja, tem que ter uma reciprocidade, tem que ter um mínimo de compreensão de que a gente não pode ter uma relação com o deputado ou com o senador só quando a gente está no sufoco para construir uma maioria para votar lá dentro.

Eu aprendi, ainda no tempo de sindicato, que quando um dirigente sindical vai na porta da fábrica toda semana, quando ele vai fazer qualquer coisa, pedir dinheiro, por exemplo, para a contribuição sindical, a peãozada ouve ele. Mas quando ele nunca vai na porta de fábrica, e aparece uma vez, para pedir dinheiro, todo mundo que militou no sindicato sabe que, muitas vezes, a gente é quase que escorraçado da porta da fábrica, porque só aparece lá para pedir dinheiro.

Pois bem, a relação com deputado e senador é a mesma coisa. Tanto eles precisam que o governo contribua para facilitar as coisas acontecerem no Congresso Nacional, como nós precisamos que eles contribuam na votação. E tem que ter base aliada mesmo, tem que ter compromisso partidário. De vez



em quando eu vejo as pessoas com vergonha: “Ah, mas não pode ter relação assim, porque é muito partido, estão dizendo que está dando emprego para um partido ou para outro partido”, como se já teve, na história do Brasil, algum partido que ganhou as eleições e empregasse todos os inimigos e deixasse os amigos de fora, deixasse os partidos aliados de fora.

E, muitas vezes, a sabedoria das bobagens que se falam: “Ah, tem muito petista, tem muito peemedebista, tem muito PSB, tem muito não sei das quantas...” Sabe por que é? É para a gente não mexer nos deles, que estavam lá. É uma garantia. E, muitas vezes, a gente fica inibido e deixa de fazer a política com a grandeza que ela tem que ser feita. E eu acho que vocês fizeram o que tinha que ser feito.

Eu quero dizer que talvez eu vá passar para a história como o único presidente que não tenha, nem nos bons momentos e nem nos maus momentos, feito crítica ao Congresso Nacional, tanto à Câmara quanto ao Senado. Muitos, quando as coisas não funcionavam, diziam: é culpa do Senado, é culpa do Congresso. Eu, mesmo quando tenho que dizer, eu não digo, porque eu acho, acho, porque eu acho que a gente precisa aprender a respeitar o Congresso Nacional. Porque com todos os defeitos que ele tenha, ele é a cara da sociedade brasileira no dia das eleições. E também a gente respeitar, aprender a respeitar o eleitor. Porque o eleitor votou em a, votou em b, votou em c, votou... o eleitor tem o mesmo valor. O cara que votou em mim não é melhor do que o cara que não votou em mim. Ora, possivelmente ele tivesse razões para não votar em mim e tivesse razões para votar no outro. Talvez, nós não tivéssemos competência, não tivemos competência para convencê-lo, mas então eu acho que essa relação de respeito, José Múcio, você construiu com muita força e eu tenho a convicção de que o companheiro Padilha vai dar sequência.

Portanto, eu quero te desejar José Múcio, não sei quantos engenheiros tem no Tribunal de Contas como ministro, mas eu quero que você saiba, além



da nossa relação de amizade, além de tudo o que você significa para mim, uma das razões é você ser engenheiro e eu acho que é preciso tentar fazer alguns arremendos [arranjos] para as coisas serem melhor discutidas lá dentro. Logo, logo, vocês vão ter surpresa porque nós vamos fazer uma reunião com alguns deputados, com o presidente da Câmara, com os líderes, com alguns ministros do Tribunal de Contas e com alguns empresários, que é para gente tentar definir um comportamento que não diminua o Tribunal de Contas, que não diminua, mas que também não coloque uma quantidade de obras paralisadas sem, sem, sem muitas explicações.

Eu acabei de vir de Fortaleza há pouco tempo, me disseram que o metrô tinha sido parado porque tinha constatado superfaturamento de R\$ 227 milhões e, uma semana depois, depois de parado quatro meses, estava apenas a R\$ 16 milhões. Então, é preciso que a gente faça uma discussão tentando ajustar apenas o posicionamento de cada instituição no Brasil, que eu tenho certeza que como você conviveu bem nos três lados, como engenheiro, como deputado e agora, como ministro, e depois como ministro do Tribunal de Contas, eu acho que nós poderemos encontrar um jeito mais fácil de fazer as coisas acontecerem no País.

Então, de coração meu irmão, muito obrigado por tudo o que você contribuiu com o meu governo. Bem, eu, se soubesse que o Padilha era tudo isso que ele diz que é, ele não teria sido indicado. Eu teria indicado alguém menos “lulista”, alguém menos petista para poder ser ministro. Mas, de qualquer forma, como eu não sabia que você era tão “lulista” e tão petista, e conheço o teu trabalho na relação com os prefeitos brasileiros, com os governadores, conheço o teu trabalho ajudando, muitas vezes, o José Múcio a coordenar a relação com os deputados, eu quero te dizer, Padilha, que você tem tudo para se transformar numa grande revelação política na relação com o Congresso Nacional.

Eu acho que não é necessário afirmar para os prefeitos, mas para,



talvez, deputados e senadores a gente precise afirmar de vez em quando: eu duvido que na história deste país tenha existido um governo que tenha estabelecido as relações com os prefeitos que nós estabelecemos. Duvido. Falo sem medo de errar. Ou seja, as condições que foram criadas, a Caixa Econômica se preparou para tratar melhor os prefeitos. Vocês não têm dimensão, mas vocês sabem em quanto o Guido Mantega ampliou o crédito para os governadores tomarem emprestado? Em quase R\$ 37 bilhões. Há dez anos, os governadores passaram o mandato inteiro comendo pão e água porque não tinha uma ampliação.

Quando nós percebemos que só o governo federal estava fazendo investimentos e os estados estavam apertados, o que nós fizemos? Nós precisamos, sobretudo para as cidades maiores e para os governadores, a gente abrir linha de crédito, aumentar a capacidade de endividamento deles, que é para os governadores terem o direito de fazer as suas obras. E nós fizemos isso dentro de uma lógica de que quanto mais obras nós tivermos no País, melhor para enfrentar a crise e melhor para resolver o problema do emprego, que nós queremos resolver logo.

E eu tenho, Padilha, consciência da tua participação nesse debate. Tenho consciência da tua relação pessoal com todos os companheiros, sejam do Congresso ou sejam os prefeitos. E, portanto, meu filho, eu só queria te dizer o seguinte: você vai ficar mais rapidamente com o cabelo mais branco do que você está agora. Essa história... E você só tem 28 anos, nós vamos fazer um DN... Hein? Trinta e oito. Eu estava pensando que você tinha, vou olhar para a sua mulher ali, tinha uns 58 anos. Tinha hora que eu pensava que você era mais velho do que eu, mas já que você disse, eu também não tenho porque duvidar, porque se um ministro mentisse para mim no dia da posse, aí sim ele teria muita vida curta.

De qualquer forma, Padilha, eu quero te dizer o seguinte: olhe, não faltará, da parte do José Alencar, da minha parte, da parte da companheira



Dilma Rousseff, que você não a elogiou ali e, portanto, você vai saber o peso da Casa Civil nas suas decisões. O Paulo Bernardo, que é o homem do orçamento, que é a quem, de vez em quando, você tem que se dirigir para liberar o dinheiro de que você precisa, você também não disse nada para ele. Você vai perceber que isso vai contar muito nas coisas que vão te acontecer daqui para a frente.

De qualquer forma, eu quero te dizer que todos nós aprendemos, você aprendeu, o governo todo aprendeu, e eu penso que você vai ter muito mais facilidade de tocar o barco do que nós quando começamos a governar. Da minha parte é desejar a você toda a sorte do mundo. Qualquer problema, você sabe que a porta do meu gabinete, para você falar com o Gilberto Carvalho, está aberta. Não, porque o meu gabinete, Pezão, parece uma UPA, é só coisa de emergência. Quando os ministros fazem as coisas certas, que conquistam, eles vão comemorar e eu nem sei, Sidney. Só sei: “Ô, Lula, ontem nós fomos a um jantar, porque fizemos tal coisa, deu certo e tal”. Ninguém me comunica. Agora, quando a porca entorta o rabo...

Mas, de qualquer forma, é esse o papel do Presidente mesmo. Então, Padilha, eu quero te desejar toda a sorte do mundo, mantenha-se como você é, não precisa melhorar, muito menos piorar, sua mulher vai descobrir se é verdade a quantidade de reuniões que você fazia, porque vão estar mais na imprensa as suas reuniões agora. Você antes fazia reuniões anônimas, agora vai ter que fazer reuniões públicas, porque os deputados também adoram falar para a imprensa que estiveram com você, que liberaram a emenda dos seus estados, que liberaram a emenda da ponte, da estrada, da quadra. Então, agora, você está homem público, portanto, agora, meu filho, juízo e responsabilidade não fazem mal a ninguém.

Boa festa, você, boa posse, e um abraço a todos vocês.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

(\$211A)